

# O Progresso Catholico

«... sequor autem, si quo modo  
comprehendam...»

AD PHILIP, 8, 12.

RELIGIÃO E SCIENCIA  
LITTERATURA E ARTES

«... ad ea quae sunt priora extendens melpaum  
ad destinatum persequor, ad bravium  
triumphi Ecclesiae... in Christo Jesu.»

AD PHILIP, 13, 14.



A BARCA DE PEDRO

**Summario:** Secção scientifica: *O Diabo e as suas obras*, pelo Dr. D. Salvador Casañas y Pagés. — Secção historica: *Galeria dos homens notaveis da Companhia de Jesus*, pelo Padre João Vieira Castro da Cruz. — Secção critica: *Palarrorio-patratorio!* por D. Antonio de Almeida; *Voltarão os frades?* por Um catholico; *Algumas considerações sobre a necessidade das ordens religiosas em Portugal*, expostas na Associação Leão XIII, da cidade de Guimarães, pelo seu presidente A. J. Miranda, conego da Collegiada e professor de philosophia no Seminario de Nossa Senhora de Oliveira. — Secção litteraria: *A peregrinação ao Samedro em Braga*, pelo Padre Luiz do Gonzaga do Valle Coelho Cabral; *Los operarios da fabrica de Negrellos: Hymno do trabalho*, pelo Dr. José Rodrigues Cosgaya. — Secção bibliographica. — Secção illustrada. — Secção necrologica. — Retrospecto, por R. — Secção administrativa, por S. N. — Indice do XVI volume.

Gravuras: *A Barca de Pedro*.

## SECÇÃO SCIENTIFICA

### O Diabo e as suas obras

(Conclusão)

**D**ENOS o diabo representado pelo Apostolo S. Pedro, como um leão, *tanquam leo*, por onde se manifesta seu espirito de bravura, naturalmente superior a todas as forças da humana natureza; exhorta-nos todavia a que resistamos *com firmeza e inteireza*, porque o christão sabe que sua fortaleza é sobrenatural e proveniente, portanto, d'Aquelle que é Todo-Poderoso e a Quem não podem resistir nem contradizer todos os adversarios. Dir-se-ha, porém, que é em excesso a crueza do inimigo; que sua vontade obstinada no mal lhe suggere de continuo muitos e mui diversos modos de fazer sentir ao homem os effeitos de seu odio inextinguivel, ou que ensaia a cada passo novos ardis e nos combate com novas e mais cruéis vexações, pelo que se lhe chama não sómente «leão», mas «leão rugidor», *leo rugiens*. Que importa porém tudo isso? *Resistite fortes in fide*; haja em nós fé e confiança, e aquelle mui excelso e mui poderoso Senhor, que se dignou enviar seus apóstolos e discipulos como ovelhas ao meio de lobos, *sicut agnos inter lupos*<sup>1</sup> (e lobos são os ministros de Satanaz), cuidará com amorosa providencia de comunicar-nos a mansidão que é filha do céo, aquella mansidão que sabe converter o homem fraco e decahido em musculoso athleta de maravilhosa fortaleza, resistindo sem quebra a todos os ataques do inimigo, e inutilizando-lhes seus enganos.

Ninguém, certamente, ignora que o demonio não se dá um instante de repouso, senão que sempre está voltando ao redor de nós, urdindo iniquos tramas para n'elles nos envolver com suas manhas e artificios: *circuít quærens*. E ainda menos tão pouco se ignora que a vigilancia e a oração, quando acompanhadas da mortificação da carne, confundem e derrotam o inimigo; *Hoc genus non egicitur nisi per orationem et jejunium*<sup>2</sup>. Por isso de harmonia com estas

palavras disse o Apostolo S. Pedro: «*Sêde sobrios e andai em continua vigilancia: Sobrii estote et vigilate.*» Sobre cuja sentença, disse o Angolico Doutor que a sobriedade em nossas palavras, em nossas obras, e no modo de tractar o nosso corpo, é grande auxilliadora da vigilancia e da oração<sup>3</sup>. Concorde igualmente com esta doutrina a que traz, a este proposito, o Apostolo S. Paulo, escrevendo aos Colossenses quando diz: *Mortificar, isto é, fazer morrer os membros do homem terreno que estão sobre a terra: a impureza, a lascivia, os maus desejos e a avareza, que é uma idolatria; pelas quaes coizas vem a ira de Deus, sobre os incredulos*<sup>4</sup>. Revista-se pois, o christão do espirito de penitencia, e exercite-se nos jejuns, nas macerações e nas asperezas corporaes; e adestrado no exercicio de taes armas, não terá que reear na contenda com os anjos rebeldes, segundo o que nos admoesta Sancto Agostinho: *Castiga teu corpo e vencerás o demonio, já que é este o meio indicado pelo Apostolo para resistir-lhe vantajosamente*<sup>5</sup>. Vêe tambem, e ore sem cessar, segundo aquella ultima prevenção de Jesus Christo a seus discipulos, e com elles a todos os fleis, antes de entrar na batalha de sua Paixão sangrenta, para se não cair em tentação: *Vigilate et orate ut non intretis in tentationem*<sup>6</sup>.

É posto sejam taes e tantos os infortunios com que o inimigo afflige a Igreja, e tantas as desventuradas almas por elle arrastadas ao inferno, ofereçamos generosamente ao Senhor as nossas tribulações, as nossas contrariedades, as nossas dôres em favor da Igreja, orando sem interrupção por ella e o Senhor que é a fonte de todo o bem, dignar-se-ha abreviar os dias da prova a que se acha submettida, e regressarão ao caminho da salvação os peccadores que andam miseravelmente extraviados, e, refreado o poder dos demonios, reinará o Senhor no mundo pela fé e pelo amor, como humilde e fervorosamente lhe pedimos. *Deus autem omnis gratiae modicum passus ipse perficiet confirmabit solidabitque*<sup>7</sup>.

Attenda benignamente o Senhor as

<sup>1</sup> S. Thom., *Com.* in cap. v, epist. i. Corint., c. ix.

<sup>2</sup> *ibid.*, 5-6.

<sup>3</sup> S. Augusto in i. Corint., c-ix.

<sup>4</sup> Morth. xxvi, 41.

<sup>5</sup> 1 Petr. v.

nossas supplicas, e vos conforte a todos infundindo-vos alento vigoroso para que não desmaieis, convictos de que, se aos mais valentes soldados de Christo cumpre sustentar as maiores batalhas, tambem lhes estão reservadas as maiores e mais formosas cordas. Entretanto, em penhor do nosso affecto, vos damos amorosamente a benção, etc.

DR. D. SALVADOR CASANAS Y PAGÉS.

## SECÇÃO HISTORICA

### Galeria dos homens notaveis da Companhia de Jesus

(Nota intercalada)

#### Nicolau I, rei do Paraguay

**T**EMOS mencionado um grande numero de homens notaveis da Companhia de Jesus, que floresceram, em todos os tempos, desde a sua fundação.

Entre elles encontramos theologos, philosophos, mathematicos, physicos, historiadores, oradores, poetas, missionarios, santos. Não poucos representaram um papel brilhante na Igreja e no Estado por suas elevadas qualidades. É quasi incommensuravel o numero de jesuitas celebrados por seus dotes superiores; nós apenas temos nomeado uma minima parte; mas este trabalho continua, e talvez seja interminavel.

No emtanto, já nos esquecia fallar d'um celebre jesuita que chegou a cingir a corôa e a cunhar moeda com a sua effigie. Este jesuita, proclamado soberano d'um paiz, é sem duvida o homem mais notavel da Companhia.

Assim se annunciou nos libellos que em Portugal, nos meados do seculo passado, se publicaram contra a Companhia de Jesus. Esta noticia correu por toda a Europa, e muita gente a acreditou, tanto mais que appareceram moedas de ouro e prata com esta legenda — *Nicolau Planties, rei do Paraguay* — as quaes foram enviadas a todas as côrtes.

Que os jesuitas dominaram ou quizeram dominar os reis e os principes, é palavra dada e assentada entre os seus inimigos, e ainda hoje a repetem. Isto é sabido; mas o que muita gente igno-

<sup>1</sup> Math., x, 16.

<sup>2</sup> Math., xvii, 20.

ra, é que um jesuita se proclamou rei! E até se chamou Nicolau I!

Affirmou-se que Nicolau era um irmão coadjutor da Companhia. E começou logo a gritar-se: Vêde que os jesuitas já se acclamam reis!

Appareceu por esse tempo em Roma um livro com o titulo — *Cartas do ministro portuguez ao ministro de Hespanha sobre o imperio jesuitico*. Esta obra sahio ainda com outros nomes.

Ahi se falla da sublevação das *reduções* hespanhola e portugueza do Paraguay e Brazil, tramada pelos jesuitas, e d'um certo jesuita, por nome Nicolau, que marchava á frente de seus subditos contra os exercitos de Hespanha e Portugal.

Falla-se de grandes thesouros occultos de barras de ouro e prata. Falla-se de armazens e depositos de armas.

Em consequencia do libello, deu-se busca ás pobres residencias dos jesuitas, os apóstolos do Paraguay, e nada se achou. Procuraram armas, e só se encontraram as facas de pau de que se serviam no refeitório, e os bordões a que se encostavam quando marchavam em busca dos selvagens. Instaram para que lhes mostrassem os armazens e depositos occultos, e elles não tiveram mais a fazer que vér as fabricas de algodão e os celleiros de pão.

Mas de nada lhes valeu a justificação da sua innocencia: os jesuitas são violentamente arrancados do meio do seu rebanho, e obrigados a sahir entre baionetas.

É sabido que este negocio foi tramado entre o ministro de Hespanha, o duque de Alba, e o ministro de Portugal, o celebre Carvalho, depois inarquez de Pombal.

Mas que é feito do jesuita Nicolau I, rei do Paraguay? Será um sér chimerico?

Não. Era effectivamente um padre da provincia de Austria, por nome Nicolau Plantics; era natural da Croacia, e missionario na America, especialmente no Paraguay. Não era irmão coadjutor, como alguns affirmaram. *Mas nunca foi rei ou imperador.*

Sendo preso com outros seus companheiros, foi enviado a Lisboa e encerrado na torre de S. Julião. Mais tarde foi solto, e retirou-se para Vienna de Austria, onde teve uma entrevista com a imperatriz Maria Thereza.

Quando esta soberana viu approximar-se o jesuita Nicolau, levantou-se e lhe disse por graça: — *Salvè, meu collega rei!*

Nicolau declarou que só na viagem soubera pela primeira vez que fôra proclamado rei, e que d'essa fabula não constára coisa alguma na America. Porquanto se se soubesse, com certeza seria assassinado, pois que estava sob o poder da auctoridade.

Disse então a imperatriz: — *Eu tambem nunca acreditei tal coisa.* — E depois mostrou-lhe as moedas remetidas de Hespanha.

O jesuita Nicolau permaneceu na provincia de Austria, e era reitor do collegio de Varadin na época da extincção da Companhia. Morreu no anno de 1777.

Como já dissemos, tudo isto foi manobra do marquez de Pombal e do duque de Alba. Este no momento da sua morte poz nas mãos do inquisidor geral Philippe Beltram, bispo de Salamanca, uma declaração na qual dizia, entre outras coisas, que tinha inventado a fabula do rei Nicolau, e mandára fabricar a moeda com a effigie d'este falso monarcha.

Christovão Murr, protestante, no seu *Jornal*, diz que o duque de Alba fizera a mesma declaração por escripto a Carlos III, rei de Hespanha.

Ora vejam a infamia dos principaes promotores da guerra contra os jesuitas!

Concluiremos esta nota com as palavras do historiador francez, Bercastel, que escreveu em 1778. Fallando elle do Paraguay, civilisado pelos jesuitas á custa de tantas fadigas, diz o seguinte:

«Tal é, sem duvida, o apostolado o mais digno d'este nome, e taes são as instituições apostolicas as mais gloriosas para a Igreja.

«Não é do nosso officio, nem mesmo a dignidade da historia o permittiria, o mencionar, e muito menos o refutar as ficções pueris e miseraveis ineptias de que os diffamadores das missões teem enchido seus libellos infamatorios.

«Que homem sensato deixaria de nos censurar, se nos visse, por exemplo, combater seriamente a chimera do reino do Paraguay e seu rei Nicolau, com as minas inesgotaveis de ouro e prata n'uma região, em que até ao presente não se tem podido descobrir algum mineral?»

Nada mais é preciso acrescentar. Já sabemos o que se deve pensar acerca do jesuita Nicolau I, rei do Paraguay. É claro que foi o *homem mais notavel da Companhia de Jesus.*

E agora, depois d'esta nota, vamos continuar a nossa *Galeria.*

PADRE JOÃO VIEIRA N. CASTRO DA CRUZ.

## SECÇÃO CRITICA

### Palavrorio-palratorio!



SOCIEDADE está gemendo sob o peso do palavrorio-palratorio! Nunca se fallou tanto como n'estes tempos, acertando-se pouco;

o proverbio é certo, e pôde ser applicado não tomando a individualidade mas sim a generalidade; diz elle: quem muito falla pouco acerta! ou: quando muito se falla pouco se acerta! É o que se está vendo de continuo; e ha nos palradores uma ousadia sympathica á ignoraucia; verifica-se como nunca a *Verba, voces, praetereaque nihil*. Com a palha faz-se mais volume do que com o grão; quando se toca n'um tonel cheio não responde som algum, mas quando está vasio responde um som de metter medo, como disse, e já temos repetido, em nossa presença, um profundo philosopho allemão em sentido critico, applicado aos philosophos do tempo.

Sancta Thereza de Jesus, que os de fé catholica veneram como sancta e sábia, com o seu dizer chistoso e erudito, dizia: «Com o silencio reformaria o mundo!» Com o palavrorio-palratorio estragam cada vez mais o mundo os modernos.

E n'isto, como no mais, esse desequilibrio é opposto ás vistas e fins de Deus! A palavra divina diz-nos na sagrada Escripura haver para o homem o *tempus loquendi* e o *tempus tacendi*, porém os desequilibrados só querem fallar e não querem pensar, são umas machinas de produzir palavras; desprezam tambem elles a sentença: a palavra é de prata e o silencio é de ouro!

Do fallar resulta mais vezes o arrependimento do que do silencio; mas o modernismo, não tendo idéas sãs, busca fallar para atordoar em seu continuo contrabando.

Em Coimbra é muito repetido dizem os veteranos aos calouros com respeito ás lições e actos: nunca te cales, embora digas disparates ou asneiras. Este conselho e sua execução acham-se em uso geral na sociedade moderna, que falla mais que pelos cotovélos.

Diz-se das cigarras que estas cantam até rebentar; seguem seu instincto, que é a lei que Deus lhes impoz, não se suicidam; agora os *cigarros* são outra coisa e não passam de uns cêgarregas que incommodam e causam perdição.

Tendo-se verbosidade, embora não se tenha fundo, o modernismo dá carta de erudito, mesmo de eloquente, e levanta-lhe estatua; que leviandade reina n'essa sociedade, que é desprezada pelos homens sérios!

Dizer muito á moderna é dizer nada; e assim não se dá o genero de eloquencia *multa multis*. Os argumentos *ad hominem* reciprocos estão no gosto do tempo dos palradores e escribas e mi especialmente nos parlamentos e imprensa; duas entidades estas que tanta responsabilidade têm na desmoralisação dos povos, salva a justiça áquelles que têm sido vencidos por agora e serão

vencedores mais tarde, pois que é de verdade indubitavel que o reinado da justiça será eterno como seu juiz Deus: *Iustitia ejus manet in aeternum!*

Ha o dictado: as palavras leva-as o vento; isto não deve ser entendido de modo absoluto, pois que as boas palavras são semente do bem e as más são-no do mal; e em tanta garrulice e fallatorio, sementeira é feita do mal e não do bem; alguma coisa boa é dita por maravilha. Os maus escriptos não são melhores ou de menos mal que os maus ditos, pois que o escripto é mais duravel que o dito no commercio ou relações entre os homens.

Corréa Telles foi um silencioso; escreveu muito, como profundo juriscônsulto, e disse ou fallou pouco; nas côrtes de 1820 só disse: *Etiã tacum!* a um collega que lhe tinha dito: *Domine tecum!* Que exemplo a seguir, hoje, pelos paes da patria! Mas como pôde deixar de haver muita palavra escusada, muita palavra injusta, se os garrulos não dizem em sua ignorancia ou má vontade, ao menos intencionalmente, antes de abrir a bocca: *Domine, labia mea aperies!* e antes muitas vezes iniciam: com mil diabos! Desenganem-se os homens, trunfos ou não trunfos no mundo, que só ha: ir com Deus ou com o diabo! Satanaz nunca teve tantos amigos como tem no mundo moderno, e mette na conta os meio-amigos de Deus.

O bom sómente o é quando completo, o mau dá-se mesmo sem o complemento: *Bonum ex integra causa, malum ex quocumque defectu.*

Ha uma especie de alienação mental por cuja força o padecente não faz senão fallar desconcertadamente; esta enfermidade é epidemia na sociedade actual. Em todos os pontos da sociedade moderna, em que se toca, encontra-se o desequilibrio! Não é pois para admirar que as palavras sejam desequilibradas em valor e numero, estando-o as idéas, os factos, tudo em desequilibrio n'essa sociedade enfatuada e sem valor intrinseco, e de muita parra e pouca uva, como diz o dictado familiar.

D. ANTONIO DE ALMEIDA.

### Voltarão os frades?

*Tudo contra! Origem dos bens monasticos.*

E, por muito tempo, parecia coisa digna de reparo, que um convento não tivesse *padroeiro*, porque este, ou algum dos seus descendentes, era reputado como o escudo, o amparo, a protecção de uma casa religiosa e um seguro fundamento para a sua conservação no presente e no futuro.

E assim foi ao principio.

Não tardaram, porém, muitos annos, que, em não poucos mosteiros, o que outr'ora fôra motivo de protecção, se houvesse tornado em motivo de grandes despezas e de não pequenos sacrificios.

A maior parte dos *padroados* estavam sujeitos a legados e a obrigações, que se tornaram difficéis, e até quasi impossiveis, de se cumprirem. E alguns dos descendentes dos *padroeiros*, allegando os serviços prestados por estes, (já como fundadores, já como protectores), faziam taes exigencias, que hoje pareceriam incriveis, e que quasi davam occasião, a que alguns frades lamentassem o erro, em que os seus antecessores haviam cahido.

Não era raro, que certos conventos supportassem o encargo de sustentarem alguns descendentes de *padroeiros*, e isto nos proprios conventos ou em diversos domicilios, onde, para esse fim, lhes eram enviados comestiveis ou quantias, relativamente avultadas.

Os descendentes dos *padroeiros*, queriam ter esta denominação e gozarem de mais honras, privilegios e lucros, que elles.

Assim, esses novos *padroeiros*, longe de serem uns protectores, como seus antepassados, eram uns protegidos, com aposentadorias e comedorias, do que resultava os frades chegarem a passar fome e serem extinctos alguns conventos, porque não podiam com tanto!!!

Taes *padroeiros* eram uns verdadeiros parasitas e em tam grande numero, que só o mosteiro de Grijó chegou a ter duzentos e oito (!), além das familias d'estes. E foi mister que os frades recorressem à protecção de D. Pedro I, para se livrarem de tão grande numero de harpias!!!

E ainda ha hoje, quem diga, que os frades eram os parasitas da nação! Consulte-se a historia e quem quizer fallar conscienciosamente, dirá, onde estava o verdadeiro *parasitismo*.

Assim como alguns frades se lisongeavam com terem certos *padroeiros*, não poucos se lisongeavam em darem, nas suas egrejas, honrosa sepultura a pessoas, illustres por nascimento, pelas letras e pelas armas. Recebiam, por isso, alguma herança ou alguns *juros*.

Outras heranças tiveram os mosteiros. Mas tanto estas, como as outras, eram tão oneradas, que de pouca vantagem serviam. Havia heranças obrigadas a missas quotidianas, a officios, a escolas; à sustentação de alguns mancebos, que desejassem abraçar a vida monastica, e a outros encargos.

Pôde-se, pois, dizer, sem medo de errar, que estes eram tantos, tão variados e tão grandes, que em alguns conventos não chegavam os rendimentos senão para satisfazerem a taes encargos, de modo que se não fossem os *rendimentos das sacristias*, taes mosteiros não poderiam subsistir. É notese, que certos legados, puramente religiosos, concorriam, para que taes *rendimentos* ficassem muito diminuidos.

Assim, fôra melhor, que os frades se houvessem limitado unicamente à posse do seu convento e da sua cerca, e não tivessem recebido os benefcios do *padroado*, nem taes heranças. Viveriam mais modestamente, mas sujeitos a menos embaraços e a menos obrigações.

E, d'aqui, se vê tambem, que, além das despezas, de que já fallámos, muitas outras concorriam, para que os rendimentos monasticos fossem quasi nullo.

Os frades tambem recebiam os rendimentos de dinheiros a juros, de fôros, de censos, de rações, de jugadas e, talvez, outros semelhantes. Mas isso era effeito de um contracto puramente bilateral ou por herança. E então tanto direito tinham de receberem taes rendimentos, como o tem todo o cidadão, que herda, compra ou dá de aforamento quaesquer propriedades.

E esses rendimentos tambem não deixam de estar sujeitos a despezas, como as de que temos fallado e ainda a outras.

Ha muitos *censores escrupulosos*, que, para desculparem o facto da extincção das ordens religiosas, dizem, que estas, já havia muito, não cumpriam as obrigações dos respectivos legados. Se tal acontecesse, deveriam os frades reccar, que os parentes dos que lhes deixaram os bens, viessem reclamar estes, visto que não eram cumpridas as condições de taes heranças. E, se os frades eram, todos, uns interesseiros, deviam tambem reccar, que um tal procedimento desse causa, a que ninguem confiasse d'elles novas heranças, sujeitas a encargos, que não se cumpriam.

Outros *censores, não menos escrupulosos*, proclamavam e ainda hoje proclamam, que os bens dos frades foram todos adquiridos por meio de roubos, directos ou indirectos, arrançados com testamentos falsos, ou insinuados; com contractos illicitos e fraudulentos; com usuras e com outros arranjos, sempre illegaes e proprios de quem não tem consciencia.

E quem faz taes accusações aos frades? Serão, porventura, os homens serios, honrados e honestos?

Não, por certo. Em geral, são os que vivem de *calotes*. (Desculpem-nos o termo). São os que fazem contractos illicitos e em que só procuram enganar os ingenuos e os individuos de boa fé. São os que, por alguns tostões, tomam de aforamento grandes tractos de terreno e nem os respectivos sóros chegaram a pagar. São os que negam dividas e ameaçam, por todos os modos, os seus crédores. São os que fecham os olhos, para não verem as lagrimas dos individuos, a quem têm prejudicado; e cerram os ouvidos para não escutarem as queixas dos infelizes, a que têm tratado de deixar quasi sem camisa. São os que têm sabido arranjar-se nas occasiões de apuros dos nossos governos, tornando-se, ás vezes, de humildes plebeus, uns *grandes fidalgos*, e de simples proletarios, uns altos capitalistas. São os que, a titulo de empregados aposentados ou de empregados addidos, estão recebendo grossa fatia da mesa do orçamento, sem nada trabalharem e como premio de estarem muitos annos a comerem á custa do estado. São os que têm concorrido para a nossa ruina, absorvendo grande parte dos rendimentos publicos e locupletando-se com as desventuras da patria. São esses parasitas, que serão a causa de um dia (talvez em breve!) perdermos a nossa nacionalidade.

Mas deixemos estes heroes de larga consciencia e de vida *honradissima*.

(Continúa).

UM CATHOLICO.

**Algumas considerações sobre a necessidade das ordens religiosas em Portugal, expostas na Associação Leão XIII, da cidade de Guimarães, pelo seu presidente A. J. Miranda, conego da Collegiada e professor de philosophia no Seminario de Nossa Senhora de Oliveira.**

(Conclusão)

A restauração dos conventos tambem não é uma offensa ás instituições vigentes, não é uma medida anti-constitucional.

Affirmar que a associação religiosa, os conventos, não podem ter existencia á sombra da lei fundamental do paiz, repugna a uma sã e descalculada hermeneutica juridica. Segundo a Carta Constitucional, a religião do Estado é a

catholica apostolica romana; ora os institutos monasticos fazem parte da mesma religião, porque são o meio mais facil de praticar os conselhos evangelicos, bases da perfeição christã; logo, não permittir as ordens religiosas, é uma contradicção flagrante em face do codigo fundamental.

O direito de associação, e por consequencia de associação religiosa não só está no pensamento creador e na razão de ser da Carta, mas tambem se manifesta d'um modo evidente na generalidade dos artigos 144.º e 145.º, nos quaes se affirma a constitucionalidade dos direitos civis e politicos do cidadão e se garante a sua inviolabilidade.

Dos §§. do art. 145.º tira-se um argumento a favor que só com summa injuria da logica pôde ser recusado.

Em virtude do §. 4.º ninguem pôde ser perseguido por motivo de religião, mas as associações religiosas são parte da mesma religião, logo a lei que por qualquer fórma impedir o conjunctarem-se cidadãos para se organisarem, persegue estes por motivo de religião, logo é anti-constitucional.

O §. 6.º do mesmo artigo diz, que todo o cidadão tem em sua casa um asylo inviolavel; ora os frades são cidadãos e as suas casas são os conventos; logo a auctoridade que invadir esses asylos onde se abrigam a fé, a penitencia e o estudo, abusa do poder, calca a lei que devia respeitar.

Os §§. 21.º e 32.º garantem o direito de propriedade em toda a sua plenitude e os collegios onde se ensinam sciencias, bellas-artes e artes; logo, pelo codigo fundamental do paiz, tem existencia legal os bens dos conventos e as suas escolas.

Podem dizer, e dizem effectivamente os inimigos dos frades, que estas disposições legislativas se não referem aos conventos, porque a Carta não garante a existencia constitucional d'estes institutos.

O absurdo ou má fé d'esta affirmativa resalta immediatamente á simples leitura do §. 4.º do art. 64.º, onde a Carta menciona expressamente os estabelecimentos monasticos quando fôr uma excepção aos direitos politicos dos religiosos.

Portanto, é evidente, que as ordens religiosas estão garantidas na Carta Constitucional, porque do contrario, não faria expressa menção d'ellas para estabelecer aquella excepção.

Sendo assim, porque singular incoherencia se não admittem os frades? Não pôde explicar-se esta obcecção nem em face do bom senso nem em presenca da Carta Constitucional. Embora se diga que a sua prohibição consta de leis, estas são transitorias, não tendo por isso a força de constitucionaes,

porque para a terem era necessario por determinação do art. 144.º da Carta que fossem elaboradas com as formalidades prescriptas no art. 140.º Por consequencia estas leis não podem subsistir, porque não podem ser superiores á lei fundamental. Não podem ser-lhe superiores leis anachronicas que nasceram nos dias do mais feroz e sanguinario despotismo, quando o ministro d'um rei tímido e irresoluto ousou pisar com pé insolente a magestade da corôa e os direitos e franquias populares: ou feitas n'uma época de confusão e lucta, invocando-se hypocritamente as prerogativas reaes para em seu nome escravisar a egreja.

Quando ha liberdade para tudo, quando todos se podem associar e reunir para fins de qualquer ordem, porque motivo se lançam peias aos catholicos? Porque estranha contradicção se põem obstaculos á formação de estabelecimentos, onde a religião se exerça do modo mais perfeito e sublime, onde se dê instrucção aos filhos do povo, esmola aos indigentes, asylo á miseria, onde se eduquem missionarios para as nossas colonias, a agricultura se desenvolva e as artes e as industrias tenham effcaz auxilio?

O infeliz que vê suas esperanças desfolhadas, suas affeições trahidas, sua fortuna perdida, que quer fugir do mundo porque este esmaga-o com a sua animosidade ou com o seu desprezo cruel, tem a liberdade de invocar o suicidio, mas não a tem de ir esconder as suas dôres n'um claustro e buscar ahi o balsamo salutar que lhe cure as feridas da alma!...

Trabalhemos para que desapareçam das leis d'um paiz que se diz civilizado estas anomalias que nos aviltam e inutilisam para um verdadeiro progresso.

Trabalhemos illustrando o espirito do povo n'estes bons principios e formando-lhe o coração pela piedade christã, para que um dia, se preciso fôr, a sua vontade se levante soberana e com o azorrague do direito expulse para fóra da casa da representação nacional, que deve ser o templo da verdade e da justiça, os vendilhões da sua liberdade.

Trabalhemos com desassombro, porque usamos d'um direito que nos assiste pelo codigo fundamental.

Trabalhemos com energia, porque cumprimos um dever que se nos impõe como verdadeiros portuguezes.

Trabalhemos com esperanza, porque Portugal ainda não morreu e ha de levantar-se á luz do seu passado, ha de levantar-se pela fé.

No Oriente, na Africa e na America erigiram os nossos maiores um monu-

mento que ha de garantir sempre a nossa existencia nacional. É a Cruz!

A acção do tempo nunca o poderá destruir, porque é immortal por si mesmo.

Esse monumento irradia um clarão brilhante através do qual se divisam umas letras de ouro que dizem — Portugal —. É a luz bem dita do passado a illuminar-nos o caminho da gloria por entre o incruento abysmo da nossa desgraça.

Junto a elle estão dois velhos livros, desprezados — um codigo e um poema. Esse codigo é o Evangelho, esse poema é a nossa historia.

Esse monumento diz bem alto que Portugal não morre, porque o nome portuguez ninguem d'elle o poderá arrancar, porque tem a cimental-o o sangue de martyres!

Pois bem, seja elle a estatua do passado a annunciar no presente a época feliz do nosso resurgimento.

Sigamos aquelle rasto luminoso, adoremos aquella cruz, meditemos aquelle codigo e inspiremo-nos n'aquelle poema. Teremos alentos para vencer a desgraça, normas para caminharmos seguros, brios para despertar heroismos.

E assim, alentados pela Cruz, dirigidos pelo Evangelho e fortalecidos pela historia, seremos outra vez grandes e nobres, e da moderna historia patria será riscada essa palavra hedionda que mancha a nossa vida nacional — ingratição —.

## SECÇÃO LITTERARIA

### A peregrinação ao Sameiro em Braga

I

Oh Lysia, oh patria adorada,  
Terra de crenças e amor,  
Volve à tua gloria passada,  
Volve ao pristino fervor.

A fé com facho brilhante  
A senda te mostrará,  
A mão potente te off'rece,  
Ávante, que os brios te dá.

Por quem, oh patria, te veio  
Da gloria fulgente luz?...  
Responde: não foi por meio  
De Maria e de Jesus?

Estende os olhos, procura  
Em teus campos, em teu mar,  
E vê se n'elles fulgura  
Nome, que os possa igualar.

A ermida alveja na serra,  
Surge o cruzeiro no val,  
É de Maria esta terra,  
De Jesus é Portugal.

Se a relva os prados alfombra,  
Se os matiza a urze em flôr,  
Se do roble á fresca sombra  
Gorgeia o plumeo cantor,

Lá verás d'entre a espessura  
Surgir da Virgem o altar,  
São d'ella a flôr e a verdura  
E das aves o trinar.

A ermida alveja na serra,  
Surge o cruzeiro no val,  
É de Maria esta terra,  
De Jesus é Portugal.

Se altêa a fronte orgulhosa  
A serra, apontando o céu,  
Se a cumiada alterosa  
Fende das nuvens o véo,

Lá vês no pincaro erguida  
A habitação do Senhor;  
Corre o povo e te convida  
A dar-lhe preito e louvor.

A ermida alveja na serra,  
Surge o cruzeiro no val,  
É de Maria esta terra,  
De Jesus é Portugal.

II

E se de toda a Lysia no vergel ameno  
Germinam com vigor taes flôres a milhar,  
No jardim do jardim do Minho no terreno  
Bem facil é de vêr como hão de germinar.

O Minho é patrio lar do idyllio e da poesia,  
Alli tudo sorri, a terra, os céos, o mar,  
A terra sempre em flôr, o mar todo alegria;  
O céu é de turqueza, e prata o seu luar.

Alli tem nobre assento a Roma portugueza,  
Fanal da crença patria onde fulgura a cruz;  
Por isso alli foi Lysia erguer sacra defeza,  
Á Virgem o Sameiro, a Christo o Bom Jesus.

Porém que hosanna immenso as auras electrisa?...  
Que magico fervor em Lysia perpassou?...  
Eu ouço cantos mil trazidos pela briza,  
E sei que reverente a patria os escutou...

Eu vejo de seu lar correrem pressurosos  
Ao alto do Sameiro os lusos, meus irmãos;  
São muitos mil!... que ardor! que fé! que sanctos gozos,  
No rosto lhes diffunde o affecto de Christãos.

III

É que em peito lusitano  
Arde ainda sacra chamma;  
Portugal inda o inflamma  
De Christo divino amor.  
Velho guerreiro insultado  
Pelos baldões da impiedade,  
'Inda recorda essa idade  
Em que foi triumphador.

O nobre arnez de aço fino  
Que tanta setta embotára  
Contra o qual em vão se armára  
Com sua adarga o infiel,  
Ainda em traços indeleveis  
Conserva a cruz redemptora!  
Oh! gravada em vão não fôra  
Em suas armas o broquel!

'Inda empunha augusto labaro,  
Em cujas prégas fluctua,  
Porque as glorias lhe attribua  
Das quinas divo signal.  
Que admira se ouvindo os echos  
De suas crenças passadas,  
De suas glorias sagradas  
Se commove Portugal?

IV

E commoveu-se! pela fronte nobre  
A mão já trémula eu lhe vi passar,  
Brilhar mais vivo o seu olhar descobre  
Luz d'esperança sobre o escuro mar.

Ergueu-se... o manto sobraçou altivo  
A espada empunha com vigor novel;  
Fitou a cruz... sorriu... com gesto vivo,  
Soltar taes vozes eu lhe ouvi fiel:

V

«Ao Sameiro! meus filhos! um preito  
Portuguezes, um preito a Jesus;  
O convite piedoso eu o acceito,  
Que me é timbre das quinas a cruz.

Dois laureis com ardor ambiciono  
A meu Deus, a meu rei exaltar,  
Que se a espada eu brandi pelo throno  
Eu tambem a brandi pelo altar.

Ide, pois! Portugal vos convida  
Ao fiel Coração do meu Deus;  
Dae, oh filhos, c'os preitos da vida  
A oração que une a terra com os céos.»

## VI

A tal convite da patria  
Vibraram mil corações,  
Com mil filhos d'esta Lysia  
Correram em multidões.

Lisboa, a gentil Lisboa,  
A princeza sem igual,  
Quiz levar á frente o exemplo,  
Quiz mostrar-se capital.

Matronas, illustres damas  
Da nossa nobreza a flôr,  
Jovens do porvir a esp'rança  
Dos annos 'inda no alvôr,

E eis que no sacro fogo ardendo a Lysia inteira  
Resôa a nossa Roma em canticos de amor;  
Braga que em nossa terra a fé bebeu primeira,  
Primeira vê de Lysia erguer-se novo ardor,

Lá no alto do Sameiro, um povo entusiasta  
Confirma fervoroso a fé que recebeu,  
E erguendo a Christo um hymno encomiasta  
Do coração lhe diz que Portugal é seu.

PADRE LUIZ DE GONZAGA DO VALLE COELHO CABRAL.

A rogo do zeloso abbade e em justa de-  
ferencia aos sentimentos religiosos,  
nobres e delicados do seu principal  
gerente:

AOS OPERARIOS DA FABRICA DE NEGRILLOS

Hymno do trabalho

CÓRO

Fabricantes, alegres cantemos  
Do trabalho em eterno louvor:  
Dos prazeres na terra supremos  
É principio, remanso e penhor.

\*

Viva triste, quem nada trabalha,  
O que passa seus dias em vão:  
Não lucrando nem uma migalha  
Do que chama, mentindo, seu pão.

Esta lei do Senhor, que nos manda,  
Trabalhem na vida mortal;  
É caricia d'amor a mais branda,  
Proveitosa, prudente, vital.

O que nescio maldiz o trabalho  
Alegrias no peito não tem:  
Nem provára jamais esse orvalho,  
Que do céu, consolando-nos, vem.

O trabalho nos traz das venturas  
Um sorriso de vida e d'amor;  
E conserva estas almas mais puras,  
Porque guardam a lei do Senhor.

Todos n'um mesmo abraço  
Seguem com jubilo e paz,  
De Leão XIII o augusto Nuncio  
Que em conduzil-os se apraz.

Festeja-os na lusa Athenas  
Enthusiasmo juvenil,  
Corre tambem ao Sameiro  
O seu virtuoso Adall.

E essa que no throno ostenta  
As virtudes de Isabel,  
Aos seus lusos se associa  
No preito as crenças fel.

Ouve-se a regia mensagem  
Em delirante ovação,  
Presta-se ao sceptro homenagem  
Ao Senhor sobe a oração.

Detestamos dos ocios malditos  
O nefando maldito prazer;  
Porque ouvimos, constantes os gritos,  
Que nos chamam aqui por dever.

Quem nos déra na mente esta vida  
É energia tambem muscular;  
Entendemos que assim nos convida  
Meus irmãos para virmos lidar.

O trabalhar nos séres conscientes,  
Se robustos, é santo prazer;  
Os mais sabios, mais ricos, prudentes  
Em delicias o sabem verter.

E trabalham os ricos e os sabios,  
Os ministros trabalham e o Rei;  
Estudando, escrevendo alfarrabios,  
Muitos guardam no mundo esta lei.

Quem dirige este nosso trabalho,  
Bem trabalha, não dorme de mais;  
Nem que dorme ao calor do borralho,  
Nem que folga, lá fóra digaes.

O trabalho da mente mais cança,  
Que este nosso trabalho braçal;  
E não deixa logar a folgança  
Tão frequente, risonha e cabal.

Esses ricos, que têm o dinheiro,  
E o pretendem saber negociar;  
De janeiro lidando a janeiro  
Dia e noite bem têm que pensar.

E mil vezes buscando venturas  
N'um trabalho de grande illusão;  
Só toparam, as penas mais duras,  
E, por vezes, o negro baldão.

Trabalhem: nós sempre lucrámos,  
Trabalhem alegres aqui;  
Onde vemos, que em servos e amos  
Da bondade o carinho sorri.

Sem os ricos, que fóra do pobre?  
Onde iria buscando seu pão?  
Se dos ricos o tecto nos cobre,  
Nossos mimos os ricos terão.

Sem os sabios o mundo seria  
De selvagens horrivel mansão:  
Sem ministros do altar uma orgia  
Em medonha, feroz confusão.

Trabalhem em nossos officios,  
E trabalhe no seu cada qual;  
Que de todos nos vem beneficios,  
E dos ocios as iras do mal.

Trabalhem que o nosso trabalho  
É conforto de pobres e paes  
E das honras magnifico orvalho  
Nos consola, diverte-nos mais.

Trabalhando, se come com gosto,  
Que bem sabem sardinhas e pão!  
E o caldinho temperado e composto  
Pela mãe, de couve e feijão.

E por isso, louvemos contentes  
Os designios eternos de Deus;  
Pois caminhos traçou diferentes,  
E que todos conduzem aos céos.

Nós, Senhor, vos rendemos louvores  
Das auroras ao tenue fulgor:  
E no dia suspiros e amôres,  
E as fadigas do nosso labor.

Á noitinha termina do horario  
O trabalho, e buscamos o lar;  
E nos imos rezando o rosario  
A Maria, essa Virgem sem par:

Que nós livra de mil inimigos,  
Que nos guarda no amor maternal:  
E defende de dôr e perigos,  
De remorsos e culpa fatal.

E de inverno na rica lareira  
Um raizeiro topamos a arder;  
E do lume sentados á beira  
Nossos paes a folgar de nos vér.

E que alegres com elles ceamos  
Isacas, caldo, castanhas e pão!  
Sem lembrar-nos, se comem os amos  
Da officina, mui rico salmão.

Damos graças a Deus, e quentinhos  
Mui contentes nos imos dormir;  
Sem lembrar-nos as pelles d'arminhos  
D'opulento, soberbo Visir.

E esse somno que amante acaricia,  
A quem ganha suando seu pão;  
No leito, de paz mui propicia  
Nos off'rece mui rico colchão.

Na Formiga — 30 de novembro de 1894.

DR. JOSÉ RODRIGUES COSGAYA.

## SECÇÃO BIBLIOGRAPHICA

Um livro precioso. — Está no prélo e em breve verá a luz da publicidade a nova edição, revista por um theologo, do excellente livro *Motivos da minha fé religiosa*, pelo Conego Barthe; traducção do sr. Conde de Samodães. 1 vol. de 400 a 500 pag.

Esta obra é honrada com doze approvações episcopaes, que muito a exaltam e recommeadam.

Nada poderá dizer melhor do seu incontestavel merecimento do que os titulos dos principaes capitulos em que se divide.

São do theor seguinte:

### PRIMEIRA PARTE

Veda-me a razão que eu adhira a algum dos systemas anti-catholicos?

- I — Atheismo.
- II — Pantheismo.
- III — Materialismo.
- IV — Darwinismo.
- V — Positivismo.
- VI — Fatalismo.
- VII — Scepticismo religioso.
- VIII — Livre pensamento ou liberalismo em materia de religião.
- IX — Moral independente.
- X — Deismo.
- XI — Indifferentismo em materia de religião.
- XII — Protestantismo.

APPENDICE.

CONCLUSÃO RECOPILATIVA DA PRIMEIRA PARTE.

### SEGUNDA PARTE

Permitir-me-ha a razão que eu adhira á doutrina catholica?

- I — Considerações geracs sobre os dogmas do catholicismo.
- II — Trindade.
- III — Encarnação.
- IV — Redempção.
- V — Eucharistia.
- VI — Inferno.
- VII — Ordem sobrenatural.
- VIII — Peccado original.
- IX — Necessidade do baptismo para a salvação.
- X — Predestinação.
- XI — Ressurreição dos corpos.
- XII — Progresso e identidade da doutrina catholica.

XIII — Infallibilidade doutrinal do catholicismo.

XIV — Dependencia da razão com referencia á fé.

XV — Fóra da Igreja não ha salvação.

XVI — Objecções.

CONCLUSÃO DA SEGUNDA PARTE.

### TERCEIRA PARTE

Obrigar-me-ha a razão a ser catholico?

I — Prova iudirecta da divindade do catholicismo pelo conjuncto dos caracteres exclusivos que distinguem e denotam uma origem divina.

II — Prova indirecta da divindade do catholicismo pelo conjuncto dos caracteres exclusivos que o distinguem e denotam uma origem divina (sequencia).

Conclusão recapitulativa dos dois capitulos precedentes.

III — Provas directas da divindade do catholicismo. Milagres de ordem intellectual.

IV — Provas directas.

### Epilogo

V — Provas directas (sequencia).

As pessoas que derem os seus nomes e enviarem a respectiva importancia á Livraria editora **MESQUITA PIMENTEL**, 67, rua de D. Pedro, 69 — Porto, custará apenas 660 reis, em brochura, e 900 reis, com elegante encadernação.

Os reverendos padres salesianos do Collegio de Santa Rosa, em Niecheroy, tiveram a amabilidade de brindar-nos com um volume em elegante brochura e nitidamente impresso nas officinas do collegio, onde aprendem *pobres orphãos-sinhos*. É seu titulo — *Gottas d'Orvalho*.

Abrimol-o e lêmos: — «Qual é a vossa missão, ó pequenas gottas d'Orvalho? — Consolar.

— Oh! séde bem vindas, pequenas gottas, pois o meu coração ha muito suspirava por vós! . . . »

Que coincidência! Precisavamos na occasião, em que abriamos esse livrinho, d'um balsamo que nos suaviasse a dôr produzida por uma terrivel provação, por que Deus quiz, que passassemos, e encontramos n'elle um precioso thesouro de consolações! Aos benemeritos padres salesianos, agradecemos do coração a sua mimosa e opportuna offerta. É esta a ultima vez, que dirigimos os protestos do nosso reconhecimento a ss. rev.<sup>mas</sup>, como emprezarios do *Progresso Catholico*, mas não deixaremos de pedir nas nossas orações o progresso espi-

ritual e temporal da sua obra verdadeiramente christã.

Agenda portugueza portatil para 1895, terceiro depois do bissexto. — Á venda na papelaria e typographia Azevedo, largo dos Loyos, 38 e 40 — Porto.

Almanaque Franciscano para el año 1895, por el reverendo P. Fr. Pedro Fernandez, O. M. — É um bello almanak, com que a redacção do nosso illustre collega hespanhol *El Echo Franciscano* brinda os seus assignantes.

Almanak de Braga e seu districto, commercial, burocratico, descriptivo, chorographico e historico para o anno de 1895, com um indice largamente desenvolvido. Dirigido por Azevedo Coutinho, jornalista, e publicado por Laurindo Costa, livreiro editor.

Á venda na Livraria Central, editora, largo do Barão de S. Martinho, 41 e 42, Braga. Preço, 300 reis.

Recebemos tambem um bem elaborado relatorio do Conselho Central da Bahia, do anno de 1893, apresentando á assembléa geral das Conferencias de S. Vicente de Paulo, em 22 de julho de 1894, reunida na Cathedral, na cidade do Salvador, sob a presidencia de honra do exc.<sup>mo</sup> e rev.<sup>mo</sup> sr. dr. D. Jeronymo Thomé da Silva, muito digno Arcebispo da Bahia, Metropolitano e Primaz do Brazil.

Anno Christão. — Recebemos a 15.<sup>a</sup> caderneta d'esta publicação, ultima do primeiro volume, obra que o sr. Antonio Dourado, seu editor, está distribuindo em segunda assignatura.

Como a publicação já está feita, a distribuição d'aqui por diante far-se-ha com toda a regularidade.

Dizer da importancia d'esta obra, desnecessario é, não só porque ella é bem conhecida, mas porque os leitores já sabem a consideração em que a temos.

Convem saber que a obra é adornada com gravuras dos santos mais notaveis.

Quem a quizer assignar, pôde dirigir-se ao sr. Antonio Dourado, editor, rua dos Martyres da Liberdade, 165 — Porto.

Recebemos o n.º 279 de La Guirnalda y la bordadora, magnifica revista,



que se publica em Barcellona, Hespanha. Agradecemos os exemplares que nos foram offerecidos.

## SECÇÃO ILLUSTRADA

### S. Miguel

(Vid. pag. 273)

É muito antigo o culto dos anjos. Houve tempo, que se elevou a tal altura, que se tornou em idolatria, e como tal, condemnado pela Igreja.

A nossa gravura representa o anjo S. Miguel em lucta com o Leão infernal.

### A Barca de Pedro

(Vid. pag. 279)

Mar tempestuoso, ondas encapelladas, ventos fortissimos batem o baixel, que á mercê das aguas, com certeza sossobraria, se não fôra a mão potente, e o saber profundo do piloto, que o dirige. A terra é esse mar tempestuoso, o baixel a Igreja Catholica, batida pelas paixões e pelos ventos da impiedade; não sossobrará porém, porque com ella está Jesus Christo: *El ecce ego vobiscum nun omnibus diebus.*

## SECÇÃO NECROLOGICA



Falleceu em Barcellos a esposa do nosso prezado amigo, snr. J. F. da Silva Esteves, distincto escriptor catholico, a quem apresentamos a expressão do nosso sentir.

Aos nossos leitores pedimos as suas piedosas orações pelo eterno descanso da fallecida.

REQUIESCANT IN PACE

## RETROSPECTO

No Seminario de Sancto Antonio e S. Luiz Gonzaga, de Braga, dirigido pelo reverendo Joaquim Fernandes Lopes, realisou-se no dia 8 de dezembro a solemne distribuição de premios aos alum-

nos mais distinctos e um sarau dramatico-musical.

Recebemos um amavel convite, que muito nos penhorou, e se não accedemos a elle, foi porque os nossos muitos affazeres nos inhihiram d'isso. É-nos sempre grato dizer algo d'esta instituição tam sympathica e isto tanto mais, quanto é certo, que conhecemos o bem, que ella pôde fazer á Religião e á sociedade.

Os pequenos seminarios, onde se educam convenientemente os aspirantes ao sacerdocio, tendo a dirigil-os homens, como o dr. Manuel de Jesus Pimenta, em Guimarães, e Padre Joaquim Fernandes Lopes, em Braga, hão de produzir os seus naturaes effeitos: bons padres, que trabalhem pela reforma dos costumes, apresentando-se elles mesmos, como exemplares de virtude; soldados aguerridos, que combatam pela implantação do reinado social de Jesus Christo.

Foi o seguinte o programma do sarau dramatico-musical:

1.<sup>a</sup> parte — Hymno da Immaculada Conceição (orchestra).

Discurso de abertura, pelo exc.<sup>mo</sup> snr. dr. João Affonso da Cunha Guimarães, secretario do snr. Arcebispo Primaz.

Niña Pancha, zarzuela de B. J. Valverde (orchestra).

Distribuição de premios. Intermezzo da opet., Cavalleria rusticana, de P. Mascagni (piano, orgão e rebeca).

2.<sup>a</sup> parte — Preludio do 3.<sup>o</sup> acto da zarzuela *El anillo de hierro*, de Marquis (orchestra).

A innocencia no captiveiro, drama lyrico em 3 actos; personagens: Rodolpho, chefe d'uma quadrilha de ladões, Domingos Sá — Conde Ulrico de Lansfeld, Augusto Pires — Frederico, Alfredo, filhos do Conde, Manoel Fernandes e Manoel Guimarães — Pedro, logar-tenente de Rodolpho, Silvino de Sousa — Sterno, bandido, Luiz Carvalho — Lionello, bandido, João da C. Gemezes. Outros bandidos, soldados de Rodolpho. A scena passa-se nos Alpes. Intervallos de orchestra.

Tambem as benemeritas Irmãs Hospitaleiras, sob cuja direcção está o Collegio de Nossa Senhora da Consolação e Santos Passos, nos deram ensejo de apreciar o adiantamento das alumnas em trabalhos de bordados e flores, que se ostentavam n'uma bem disposta exposição, e o desenvolvimento litterario das mesmas n'um entretenimento, a que assistiram muitas damas e cavalheiros d'esta cidade, e cujo programma foi o seguinte:

Duo dramatique, piano a 4 mãos, pelas alumnas Albina Gomes de Castro e Maria da Gloria Sampaio.

As fadas improvisadas, comedia, pelas alumnas Beatriz Barbosa Lemos, Maria de Jesus Oliveira, Albina Gomes, Maria da Gloria e Maria Amelia Sampaio de Bourbon.

A patria celeste, piano a 2 mãos, pela alumna Albertina Novaes da Costa Leite.

La Fete Dieu, comedia franceza, pelas alumnas Albina Gomes, Maria Amelia, Maria da Gloria, Maria do Carmo Sampaio, Seraphina Amelia Paul, e Seraphina Vieira.

Ernani, piano a 4 mãos, pelas alumnas Albina Gomes e Maria do Carmo.

A virtude, poesia, pela alumna Seraphina Amelia Paul.

Paquerette, piano a 4 mãos, pelas alumnas Albina Gomes e Maria da Conceição Pacheco.

A cegueira maternal, comedia, pelas alumnas Maria José do Amaral Cardoso, Maria Oliveira Amaral Coelho Guimarães, Albina Gomes de Castro, Maria da Gloria Sampaio e Seraphina Rosa Vieira.

Morceaux brillants, piano a 6 mãos, pelas alumnas Maria da Gloria, Maria do Carmo e Seraphina Amelia.

Les plaisirs du rivage, poesia recitada a piano, pela alumna Maria Oliveira Amaral Coelho Guimarães.

Les diamants de la couronne, piano a 6 mãos, pelas alumnas Albertina Novaes, Maria da Gloria e Albina Gomes de Castro.

A recreação mallograda, comedia, pelas alumnas Maria de Jesus, Albertina Novaes, Albina Gomes, Albertina Dias, Maria Amelia Sampaio de Bourbon, Candida da Cunha, Maria de Lourdes Cardoso, Seraphina Vieira, Laura d'Oliveira, Seraphina Amelia Paul, Maria da Gloria Sampaio, Maria do Carmo, Maria Oliveira Amaral Coelho Guimarães e Emilia de Jesus Monteiro.

Está quasi concluida a elegante capellinha do Sagrado Coração de Jesus, na casa dos benemeritos Padres da Companhia.

Sabemos que a inauguração solemne será em principio do mez de febreiro.

O nosso prezadissimo amigo, snr. Albano Bellino, que ha tempo foi nomeado socio effectivo da Sociedade de Geographia de Lisboa, acaba de receber a nomeação de socio correspondente da Real Associação dos Architectos e Archeologos Portuguezes e da Commissão Central 1.<sup>o</sup> de Dezembro de 1894.

Nós, que conhecemos de perto Alba-

no Bellino, com cuja amizade, franca e leal, nos honramos, rejubilamos por vermos assim galardoados o seu talento, a sua applicação ao estudo e os seus sentimentos patrióticos. Mil parabens.

\*

*O tempo dos milagres já passou... Isto ouve-se a todos os momentos.*

Certos illuminados não *querem crêr* e por isso declamam e riem e... nada mais...

Apesar, porém, das suas declamações e dos seus risinhos sarcásticos, o tempo dos milagres não passou, nem passará. Ahí temos Lourdes, o milagre perenne.

Perante a eloquencia dos factos, deve calar-se a eloquencia estulta dos que pretendem derrubar o sobrenatural.

\*

Leia-se o que se segue; e se é certo, que o facto, que se relata, não pôde declarar-se ainda categoricamente como um milagre, não é menos certo tambem que a sciencia encontra deante de si o impossivel, ao pretender explical-o por causas naturaes:

#### Cura repentina

Ha pouco mais d'um mez o *Imparcial*, de Madrid publicou, com o titulo «Um milagre em Hespanha», a noticia d'uma cura repentina por meio de umas estampilhas de Nossa Senhora do Perpetuo Socorro.

Carta que o reverendo Felix Santos, parochio da freguezia de *Fuente del Sol*, dirige ao Superior dos Redemptoristas de Nova del Rey:

«*Rev.<sup>mo</sup> Padre Superior da Communidade dos Padres Redemptoristas de Nova del Rey.*—Cheio de regozijo e sancta alegria tomo a penna para communicar, a V. R. que a Santissima Virgem do Perpetuo Socorro acaba de realisar um verdadeiro milagre, do qual vou referir todos os pormenores e circumstancias, para que, se V. R. o julgar conveniente, lhe dê publicidade pelo modo e fórma que lhe pareça opportuno para maior honra e gloria de Deus e Sua bemdita Mãe a Santissima Virgem Maria.

«A joven Unilde Fanido, natural e residente n'esta villa, havia perdido por

completo o uso da voz desde o mez de setembro de 1893. No dia 5 de fevereiro do corrente anno, em consequencia d'umas agudissimas dôres que lhe sobrevieram, começou a gritar tão desaforadamente que acudiu a sua casa grande numero de pessoas, attrahidas pelos seus lamentos. Acalmadas paulatinamente as dôres, continuou fallando até ao principio de março seguinte, em que repentinamente voltou a ficar como anteriormente, isto é, muito melindrosa de saude e sem o uso da voz. Desde então esteve sob o regimen de varios facultativos, cujas opiniões todas coincidião, como tenho ouvido varias vezes, em uma coisa: em que a sciencia e os medicos eram impotentes para lhe restituir o uso da voz, completamente perdido. Vendo, pois, que de quanto é humano nada podia esperar, recorreu a Deus, *Dador de todo o bem*, pondo toda a sua confiança na Santissima Virgem que é a saude dos enfermos.

«Veio augmentar a sua confiança na Rainha do céu, um caso que chegou á sua noticia d'um milagre obrado pela Santissima Virgem do Perpetuo Socorro em favor d'uma joven residente na não distante povoação de Aldeaseca de la Fosteria, restituindo-lhe a voz, que já ha dois annos tinha perdido.

«Em vista d'isto a joven instou com seu pae para que fosse a Nava del Rey pedir as estampilhas milagrosas que haviam restituído a voz á de Aldeaseca.

«Foi pois o pae ao convento de Nova e trouxe algumas das taes estampilhas, summamente delgadas e tendo gravada uma pequena imagem de Nossa Senhora do Perpetuo Socorro. Segundo instrucções d'um Padre Redemptorista, devia ir tomando cada dia uma d'estas estampilhas, e ao mesmo tempo fazer uma novena á mesma Senhora, de modo que a cada dia da novena correspondesse uma estampilha tomada a modo de pilula.

«No dia 29 do corrente, ás 4 horas da tarde, em companhia de suas duas irmãs, começou a joven fervorosamente a novena, e ás primeiras orações parece-lhe que pôde fallar, e com effeito falla, reza e chora, possuida d'alegria, devoção e agradecimento á Santissima Virgem do Perpetuo Socorro.

«Milagre, milagre!—exclamam. E logo se enche a casa de pessoas a quem

chega noticia do facto e ás quaes a propria joven conta uma e mil vezes o prodigio; e até agora continúa a fallar tão naturalmente, que se não pôde deixar de pensar na intervenção divina, pois não soffreu, nem antes nem depois, alteração alguma na saude.

«Por isso, todos quantos a vêem logo exclamam: milagre, milagre!

«Tudo isto levo ao conhecimento de V. R., para que d'estes dados faça o uso que julgar conveniente. — *Fuente del Sol*, 30 de novembro de 1894. = O parochio d'esta villa, *Felix Santos*.

\*

Tivemos o prazer de abraçar n'esta cidade o snr. J. F. da Silva Esteves, auctor de *A questão dos Jesuítas*, magnífica obra, que se está publicando em folhetim no *Progresso Catholico*.

\*

Aos nossos bondosos assignantes, colaboradores e amigos, apresentamos os nossos cumprimentos de boas-festas.

R.

## SECÇÃO ADMINISTRATIVA

Aos nossos prezados assignantes apresentamos os nossos cumprimentos de boas-festas, e aos que se dignaram mandar satisfazer a importancia da sua assignatura não podemos deixar de manifestar o nosso profundo reconhecimento. Graças a esses benemeritos, que não recusam subscrever e pagar as assignaturas dos jornaes, que defendem a boa causa, poderá a imprensa catholica continuar no desempenho da sua nobre e benéfica missão.

Aos nossos bondosos assignantes em divida pedimos encarecidamente o obsequio de mandar satisfazer as suas assignaturas, por meio de vales do correio ou cartas registadas, ou aos exc.<sup>mos</sup> snrs. correspondentes das diversas localidades, cujos nomes vêm publicados nos dois numeros anteriores do PROGRESSO CATHOLICO.

S. N.